

FREDERICO VAN ERVEN CABALA OLIVEIRA

O QUE VIU O RIO

REPORTAGEM SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O RIO CACHOEIRA E A CIDADE DE ITABUNA (BA)

Memória do projeto final apresentado ao curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para aprovação na disciplina Projeto Final em Jornalismo.

Orientador: Paulo Paniago
Coorientadora: Laene Mucci (UFV)

Brasília - DF
Faculdade de Comunicação Da UnB
2/2012

Frederico van Erven Cabala Oliveira

O QUE VIU O RIO

Grande reportagem sobre o Cachoeira

Projeto Experimental apresentado à Banca Examinadora da Universidade de Brasília, como exigência parcial para a aprovação na disciplina Projeto Final em Jornalismo, sob a orientação do professor Paulo Paniago.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Fernando Oliveira Paulino

Prof. Sérgio Araújo de Sá

Prof. Fábio Pereira (suplente)

Presidente da Banca: Prof. Paulo Paniago

Brasília - DF

Faculdade de Comunicação Da UnB

2/2012

Resumo

O presente memorial tem o objetivo de registrar a produção do projeto experimental *O que viu o rio*, em formato de grande reportagem. O produto buscou transpor para um texto jornalístico aspectos que envolvem acontecimentos históricos, economia, simbologia e poluição do rio Cachoeira, manancial que atravessa cidades como Itabuna e Ilhéus, na Bahia. Valeu-se, para este fim, de embasamento teórico fundamentado em pesquisas ambientais e históricas, assim como também de estilo de narrativa do gênero jornalismo literário. O resultado é uma reportagem de grande extensão em que se relaciona o manancial com a cidade de Itabuna.

Palavras-chave: grande reportagem, jornalismo literário, rio Cachoeira, degradação, Itabuna.

AGRADECIMENTOS

A meus pais, meu irmão e minha irmã. A meu orientador. A meus amigos Thamara e Matheus. Àqueles que tornaram isso possível e a todos mais que não se rendem e falam pelo Cachoeira.

*Seria imperdoável não mover o tempo,
fazendo-o recuar, retomando o passando
como a demonstrar que a infância não morre.
O menino está deitado a terra,
sombras na roça de cacau
Os homens cortam os frutos.
O agreste de Ilhéus, Itabuna e Itajuípe,
em todas as aventuras do povo do sul da Bahia,
chega pelas vozes que narram.
Jorge Amado*

Sumário

Introdução, 7

Problema, 9

Justificativa, 10

Objetivos, 13

Referencial teórico, 14

Metodologia, 23

Conclusões, 28

Bibliografia, 32

Filmografia, 35

1. Introdução

O tema do trabalho em questão é o rio Cachoeira, manancial que nasce na cidade baiana de Itapé da junção de dois outros rios: o Colônia e o Salgado. Além de passar por Itapé, onde surge, o corpo d'água atravessa os municípios de Itabuna e a litorânea Ilhéus. Nesse último ponto o rio deságua no Atlântico.

O presente trabalho aborda a passagem não só territorial do rio, mas também seu caminho na história, a partir da colonização do Brasil.

Do ponto de vista cronológico, em caminho contrário ao sentido que corre o rio (Itapé – Ilhéus), os registros históricos do manancial começam no local de sua desembocadura. A *Parte 1* da grande reportagem conta que os portugueses ali chegaram em 1536 para ocupar a Capitania de Ilhéus e ancoraram na foz do Cachoeira.

A grande reportagem parte desse ponto para percorrer feitos que foram “testemunhados” pelo rio. Situações em que o aluno-repórter percebeu que a presença do rio foi fundamental para o desenrolar de outros acontecimentos, como a instalação do cacau na região e a fundação do município de Itabuna.

Além do aspecto histórico, o trabalho busca elucidar em sua *Parte 2* os fatores ambientais e simbólicos do Cachoeira.

Do ponto de vista ambiental, ao longo dos anos o manancial foi se tornando muito poluído. Hoje, 90% do esgoto do município de Itabuna é lançado sem tratamento no leito. O trabalho apresenta estudos acadêmicos que demonstram como os indicadores de poluição extrapolam o aceitável. A grande reportagem pretende repercutir de que forma o setor político lida com a questão, principalmente a prefeitura de Itabuna e a empresa responsável pelo tratamento de esgotos. Além disso, a grande reportagem busca registrar o posicionamento de ambientalistas, pesquisadores e pessoas da população em geral envolvidas com o Cachoeira.

A esses fatores ambientais estão ligadas as questões econômica, social e simbólica do rio, pois sua degradação está a arruinar toda forma de utilização do manancial.

Até a década de 1970, por exemplo, a cidade chamava atenção pelo grande número de trabalhadores presente sobre as pedras do leito do rio. Lavadeiras estendiam roupas sobre as rochas, enquanto pescadores lançavam seus anzóis na busca pela captura de peixes. O trabalho apresenta também um pouco dessas histórias de um passado recente. Relata como algumas dessas pessoas que participaram do Cachoeira o enxergam atualmente.

A maior parte do trabalho é retratada do ponto de vista de uma cidade, Itabuna. Justifica-se isso pelo fato do município ser o maior poluidor do manancial, mas o trabalho não se exime de alertar que a situação é fruto de uma degradação maior, posto que o rio faz parte de uma rede hidrográfica. Uma possível solução, portanto, depende de ações de diferentes localidades.

O trabalho expõe esses pontos com o objetivo de suprir a lacuna de desinformação a respeito do manancial. Espera-se que a grande reportagem possa chegar ao conhecimento dos moradores em uma tentativa de alertar um pouco os cidadãos acerca da degradação ambiental que acontece às vistas mas que por vezes é esquecida. Para reforçar isso é que todo o trajeto de importância histórica é exposto.

Mas a proposta da grande reportagem não é se limitar ao local. O autor entende que na grande reportagem é contado o ponto de vista de um lugar, porém o problema relatado faz parte de um dos grandes desafios para o futuro do país. O Cachoeira é um rio restrito a 50 quilômetros de extensão. Apesar disso, há histórias como essa por todo o país onde há abundância e desperdício de água doce. Desse modo, espera-se que o trabalho desperte identificação de leitores de diferentes vivências e interesses.

Permitam-me que no fim desta introdução um pouco da motivação para execução deste trabalho seja explicada em primeira pessoa, visto que envolve experiência pessoal do autor.

A minha relação com o tema é fruto da vivência na cidade de Itabuna. Durante minha infância e adolescência, vivi em um bairro bem próximo às margens do rio. Desse modo, diariamente andava pela avenida chamada redundantemente de beira-rio e cruzava as pontes da cidade.

Confesso que poucas foram as vezes em que refleti profundamente sobre o passado do rio Cachoeira, sobre sua degradação perspectiva de futuro. Acredito que isso também aconteça com a maior parte dos moradores. Há uma certa negligência não por só parte de autoridades, mas parece que a realidade do rio se tornou mais próxima do invisível do que do nível atual alertado por estudos.

Penso que não há outra saída a não ser falar do Cachoeira e ajudar na tarefa de torná-lo um pouco mais conhecido da população. A presente grande reportagem visa ocupar esse espaço.

2. Problema

A inquietação para este trabalho foi despertada durante viagem que o estudante-repórter fez à sua cidade natal na Bahia e lá foi instigado pelo nível de degradação do Cachoeira. Na ocasião, que aconteceu durante a greve das universidades federais em 2012, os dejetos industriais formavam espumas no leito do rio e estas foram carregadas pelo vento até atingir apartamentos, automóveis e transeuntes.

A partir disso, o autor passou a realizar as primeiras pesquisas e a tomar conhecimento da história e atual situação do Cachoeira. Apesar do estudante-repórter ter morado por vinte anos no centro urbano de Itabuna, e ter cruzado milhares de vezes as pontes que passam por cima do rio, em nenhuma ocasião recebeu por parte da escola, familiares ou universidade qualquer informação aprofundada a respeito da história ou nível de poluição do manancial. Somente já tinha ouvido histórias das enchentes e das lavadeiras.

Após essa pré-apuração, o autor pôde se esclarecer a respeito da vasta história do Cachoeira e vislumbrou a produção de um texto de dimensão compatível com as informações. Com esses dados, passou o autor a se questionar o principal problema deste trabalho: “De que maneira transpor para uma grande reportagem os aspectos históricos, econômicos, ambientais e simbólicos do rio Cachoeira?”.

Na busca pela resposta dessa questão outras perguntas específicas do assunto surgiram. “Quando suas águas passaram a ser poluídas?”, “De que maneira isso afetou a população envolvida com o manancial?”, “Há perspectiva de melhoras?” ou “O que faz o município que mais polui o rio para atenuar o problema?”.

Por se tratar de um tema de grande dimensão territorial e cronológica, posto que o rio Cachoeira é um manancial de 50 quilômetros de extensão, banha três municípios e possui menções históricas que datam de 1536, o autor também se deparou com questões relativas à feitura do texto. “Como selecionar fatos históricos, acontecimentos atuais e fontes diferentes de maneira que não se perca o fluxo narrativo?” e “Como manter uma linha única na história mantendo o enfoque multiangular?”.

Num plano mais amplo da grande reportagem, inquietou bastante também outra questão. Essa está relacionada à maneira de fazer com que a história de um rio e das pessoas que se relacionaram e relacionam com ele se tornasse identificável por outras pessoas de diferentes lugares.

3. Justificativa

O presente trabalho se justifica principalmente a partir de dois aspectos. Um, para projetar a participação histórica, a riqueza simbólica do passado e a atual degradação do rio Cachoeira. Apesar de ser do conhecimento dos moradores que o rio é poluído, os estudos que demonstram isso de maneira detalhada revelam números alarmantes, que no trabalho aparecem acompanhados de depoimentos de especialistas que reafirmam a situação urgente. Dois, o trabalho faz isso por meio da grande reportagem na intenção de conferir perenidade ao material. Importante salientar, desde já, que não se trata da história isolada de um manancial. Pretende-se aprofundar em um caso entre muitos, tendo em vista que há muitos rios poluídos em diferentes localidades de um país com imensa rede fluvial (concentra 13% da água doce do mundo). Em miúdos, espera-se que haja identificação do leitor independentemente de sua procedência.

O rio Cachoeira tem um curso com extensão de aproximadamente 50 quilômetros e faz parte da Bacia Hidrográfica do Cachoeira. Abastece três municípios: Itapé, com 15 mil habitantes, Itabuna, com 215 mil e Ilhéus, 187 mil moradores. Ao passar por este último, o rio adentra o oceano. Estudar o Cachoeira é também retratar, de certa forma, um emaranhado complexo de degradação ambiental dos rios da rede hidrográfica na qual ele se insere, tendo em vista que todos os rios confluem para nele. Assim aponta a pesquisadora Acácia Pinho em sua dissertação de mestrado a respeito da qualidade das águas do Cachoeira desenvolvida na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em 2001. “Ele representa a síntese do que ocorre ao longo da bacia, pois todas as águas desta bacia convergem para o rio Cachoeira, que reflete as condições ambientais da região” (Pinho, 2001: 1).

Além de Pinho (2001), a pesquisa encabeçada por Maria Zita Lucio, também da UESC e publicada em 2009 demonstra que atualmente o rio possui extremo nível de poluição, sobretudo em áreas próximas ao centro urbano de Itabuna. A escolha desse cenário — retratar o rio sob a ótica de Itabuna — é também fruto dessa situação. Pinho (2001) aponta que, ao atravessar o centro urbano do município, indicadores como condutividade das águas (quanto maior a presença de dejetos maior é a condutividade da água), a presença de coliformes totais e fecais (que representam grupos de bactérias totais ou as provenientes do intestino de animais de sangue quente. Indicam presença de organismos causadores de doenças) e o nível de oxigênio dissolvido (este dado representa a quantidade de oxigênio disponível na água, elemento essencial para a presença de vida) estão fora do padrão aceitável de acordo com o estabelecido pelo Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama)¹.

Apesar da sujeira e das águas quase inabitáveis para seres vivos, o rio tem importância histórica, econômica e simbólica.

Historicamente, o rio testemunhou o encontro entre indígenas da região e portugueses que vieram tomar conta da Capitania de Ilhéus. O Pau-Brasil presente

¹ Resolução do Conama sobre o assunto:
<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=43>

em suas margens foi bastante explorado nos anos iniciais. Abriu caminho também para passagem de missões de jesuítas e forneceu condições adequadas para o cultivo de plantações de cacau, o que adentra também o âmbito econômico. Sua relevância econômica vai além das roças de cacau, posto que, em Itabuna, pescadores e lavadeiras tiravam recursos de sobrevivência por meio das águas do rio quando ainda não se tinha sinais de degradação.

Do ponto de vista simbólico, o rio está presente no imaginário da cidade e nas fotos de cartões postais, estes vendidos principalmente em lojas da rodoviária da cidade. O Cachoeira já foi personagem em obras de Jorge Amado, como *Gabriela*, *Cacau* e *Terras do Sem Fim*. Deu nome ao município de Itabuna, que em tupi tem significado de “pedras pretas”, em referência à coloração escura das pedras do leito do Cachoeira.

Embora haja relevância do rio, seja pela sua história seja pelo alerta atual por ele emitido, não se vê veiculação de matérias jornalísticas aprofundadas sobre o tema. O portal de notícias mais acessado de Itabuna, por exemplo, chamado *Pimenta na Muqueca*, registrou somente seis postagens no ano de 2012 com a tag Rio Cachoeira. Há iniciativas isoladas, como o livro de poemas do escritor Cyro de Mattos, o *Vinte poemas do rio*, lançado em 1985 pela editora Cátedra, e o projeto audiovisual *Memórias do rio Cachoeira*, coordenado por Victor Aziz, que resultou em um documentário de 60 minutos. Ambos foram utilizados na grande reportagem.

Entretanto, não há — até onde se pesquisou — um trabalho jornalístico mais aprofundado sobre o rio. O estudante-repórter pretende preencher essa lacuna com um trabalho de maior extensão temporal e de dimensão multiangular, uma reportagem de grande extensão. Apesar de não ser o produto um livro-reportagem, o repórter se ancora na intenção de que o texto perdure como ocorre com esse suporte, como afirma Lima (1993).

O livro-reportagem é o instrumento que ataca estas duas circunstâncias [efemeridade e superficialidade] sem perder o cumprimento da tarefa de tradução das realidades para o

patamar médio que combina cultura erudita, cultura popular e cultura de massa, linguagem coloquial e linguagem formal. (LIMA, 1993: p. 38)

O autor deste trabalho, portanto, considera que a grande reportagem é o meio adequado de contrastar o passado e presente do Cachoeira e dar voz a quem testemunhou e sobreviveu a partir dele. É espaço, também, de pôr palavras do poder público, tendo em vista que a revitalização de suas águas é uma antiga promessa política que até hoje não se reverteu em fato.

4. Objetivos

O objetivo geral do presente trabalho é elaborar uma grande reportagem que contemple aspectos históricos, econômicos, ambientais e simbólicos relativos ao rio Cachoeira. A apuração do trabalho revelou que o rio transita em todas essas áreas acima mencionadas. Pretende esse trabalho, portanto, concatenar as informações de maneira que se crie um fluxo narrativo o mais próximo possível do jornalismo literário.

Atrilados ao principal, os objetivos específicos a que se propõe a grande reportagem são:

- Traduzir para linguagem jornalística e compreensível ao público geral os estudos técnicos e históricos existentes a respeito do rio. Fazê-lo de maneira que a narrativa fique coesa.
- Demonstrar, por meio de um resgate cronológico, o papel do Cachoeira em diferentes contextos importantes para a região.
- Entender como ocorreu o processo de degradação ambiental e quais as perspectivas de futuro do manancial. Para isso, o trabalho busca ouvir especialistas em meio ambiente e também o prefeito do município de Itabuna e o presidente da empresa de saneamento básico e tratamento de esgotos da cidade.
- Projetar vozes de antigos trabalhadores que dependiam do rio para executar o seu ofício, entre eles as lavadeiras e os pescadores.

- Transformar os elementos cronológicos pontuais em um trabalho de resultado perene.
- Ser arquivo. Ou seja, ajudar a preservar a memória local a partir das informações contidas no texto.

5. Referencial teórico

O produto final em questão é uma grande reportagem. No entanto, para efeitos teóricos foram tomados como base principalmente *Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, de Edvaldo Pereira Lima. Nesse sentido, o autor desta grande reportagem se amparou, para sua produção, em diretrizes teóricas direcionadas ao livro-reportagem.

Em primeiro momento, o retrato jornalístico do rio Cachoeira foi pensado como um perfil jornalístico, isso em função do viés literário que pretendia o autor estabelecer. Após a primeira reunião com o orientador do projeto, foi esclarecido que mais interessante seria trabalhar com o gênero grande reportagem. A ideia inicial do toque literário foi mantida. Em síntese, por meio do trabalho, pretendeu-se utilizar a narrativa característica do jornalismo literário, tendo referência principal um nome do *Novo jornalismo*: Truman Capote.

Importante colocar que todo o material consultado pelo autor, tanto para produção deste memorial quanto para feitura do produto, encontram-se em conjunto relacionados ao fim desta memória da pesquisa.

5.1 Interfaces — Jornalismo e Literatura

Eis um terreno movediço que ocupa a cabeça de acadêmicos de ambas as áreas, letras e jornalismo. O ensaio de Sérgio Vilas-Boas, *J + L = Jornalismo Literário*², publicado em 2008, filosofa sobre a interminável discussão: É o jornalismo literatura? Na ocasião, Vilas-Boas (2008) diz que há diferentes posições e todas provem de trabalhos acadêmicos respeitáveis.

² Disponível em http://www.sergiovilasboas.com.br/ensaios/j_mais_l.pdf

Há estudos acadêmicos relevantes, sérios e desideologizados sobre as relações do jornalismo com a literatura. Alguns me dizem que jornalismo e literatura são água e óleo, que não se misturam; outros argumentam que são nutrientes da mesma porção de terra, ou algo como os dedos desiguais de uma mesma mão. (VILAS-BOAS, 2008, p. 1)

Por tocar o texto no estilo ensaístico, Vilas-Boas não aprofunda nos autores defensores de um ou outro lado. Quem faz isso bem é Cristiano Ramos, em sua dissertação de mestrado intitulada *Literatura e Jornalismo: bases teóricas para análise do livro-reportagem*, de 2010. Este autor aponta alguns estudiosos avessos à aproximação entre jornalismo e literatura. Entre eles: Perry, que no livro *Jornalismo: teoria e prática* (2005) defende que o jornalismo se ancora em formas literárias, mas não chega a ser literatura; do ponto de vista favorável ao encontro entre as áreas Ramos (2010) elenca Alceu Amoroso Lima, que no livro *O jornalismo como gênero literário* (de 1990) defende como literários os textos jornalísticos, e Antonio Olinto, autor de *Jornalismo e literatura* (2008), para o qual não há diferença técnica entre jornalismo e literatura, posto que ambos têm como matéria prima a palavra. O que há, diz este último autor, são diferenças de espécie e intensidade, algo encontrado também entre os próprios gêneros literários, como entre um ensaio e um romance.

Em suas conclusões, Ramos (2010) encontra Vilas-Boas (2008), no sentido de que eles não veem uma clara saída para a clássica inquietação sobre o jornalismo ser ou não literatura. Ramos (2010) crê que esse dilema seja insolúvel pelo fato dos conceitos apresentarem dinamismo. Vilas-Boas (2008) defende que esse ser-não-ser é um falso problema, e apresenta que o verdadeiro casamento entre jornalismo e literatura recebe o nome de jornalismo literário.

5.2 Jornalismo Literário

O jornalismo literário é o uso das técnicas e diretrizes do jornalismo clássico, como informação com clareza, orientação e busca pela verdade, a partir de linguagem própria do fazer literário, com fluxo narrativo, descrição de cenas e aprofundamento dos personagens.

No portal da Academia Brasileira de Jornalismo Literário, assim este objeto é conceituado por Edvaldo Pereira Lima³:

Modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. Modalidade conhecida também como Jornalismo Narrativo. (LIMA, 2008)

Para Pena (2006), jornalismo literário representa o rompimento com os padrões de conduta jornalística, embora nunca se fuja aos princípios da profissão.

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (PENA, 2006, p. 6)

Tal definição, de acordo com o autor, se apoia na metáfora do jornalismo literário como uma estrela de sete pontas, cada item desses mencionados na citação representaria uma ponta. Essa comparação simbolizaria um “conjunto harmônico e retoricamente místico” (Pena, 2006). Tais pontas, para o autor, representariam as amarras que a literatura possui quando atrelada ao jornalismo.

São os princípios apontados por Pena (2006): a potencialização dos recursos jornalísticos, a maior flexibilidade quanto ao *deadline*; a busca pela visão ampla sobre os fatos; informação com responsabilidade cidadã; o rompimento com estruturas padronizadas da escrita jornalística; a busca por fontes não oficiais; e a perenidade do material escrito.

Paulo Paniago, na tese de doutorado intitulada *Um retrato interior: o gênero perfil nas revistas The new Yorker e Realidade* (2008), aponta traços do processo de feitura do jornalismo literário e grifa de que maneira fica mais evidente neste

³ Disponível em <http://www.abjl.org.br/index.php?conteudo=Conceitos&lang=>

gênero — comparando-se com o jornalismo tradicional — a presença e a opinião do narrador.

O método, portanto, do jornalismo literário difere do método do jornalismo tradicional. Não se trata nesse ambiente de justapor dados, mas de observar e interpretar a realidade, o que parece mais de acordo com a natureza humana. É o que se faz em qualquer relato: ele é uma interpretação de algo acontecido, necessariamente. A objetividade, embora se saiba que ela simplesmente permanece como horizonte desejável e normativo, mais do que alcançável, é tratada pelo jornalismo literário com reticências, pois sabe-se que todo relato é obrigatoriamente contaminado pela presença do narrador, qualquer que seja. Nesse sentido, o jornalista literário é simplesmente mais honesto ao admitir que sua presença em cena afeta o resultado da apuração. (PANIAGO, 2008, p. 62)

Dessa maneira, entende-se que em *O que viu o rio* é, em linguagem jornalística, um relato que muito tem a ver com a experiência pessoal do repórter. Como já aqui contado, por anos o estudante observou sem se dar conta o fluxo do Cachoeira.

Outro pensamento, de Lima (1993), diz respeito à outras funções do jornalismo que ganham maior elasticidade nesse estilo de texto que não segue padrões próprio do jornalismo literário.⁴ Para ele, a atualidade é um desses itens. Não necessariamente uma pauta precisa abordar um acontecimento recente, *quente*, mas o antigo pode virar atual a partir de algo novo que faça esse resgate. Nesse ponto da explanação, Lima (1993) crê que este é o espaço que a reportagem encontrou.

Tal posição é de fundamental importância para o presente trabalho de conclusão de curso. O autor considera não ser possível abordar o objeto desta grande reportagem, o rio Cachoeira, sem trazer à tona o conflito passado *versus* presente. Seu passado remonta quase 500 anos de história, no entanto tem dimensão atual quando entra em contraste com a figura do Cachoeira nos dias de hoje.

⁴ Lima(1993) aplica tais conceitos ao seu objeto de pesquisa, que é o livro-reportagem.

Essa questão do confronto entre passado e presente consta no capítulo *Conselhos da Escrita*, de *Um bom par de sapatos e um caderno de anotações: como fazer uma reportagem*, de Théchhov (2007):

Deve-se ler a descrição que Poliakov faz do vale de Aleksandrovska e dar uma olhada nele hoje, ainda que rápida, para compreender a quantidade de trabalho duro, efetivamente forçado, que já foi realizado para civilizar esse lugar. 'Do alto das montanhas vizinhas' — escreve Poliakov — 'o vale de Aleksandrovska parece empestado, selvagem, coberto de mato...Uma imensa floresta de coníferas ocupa considerável extensão no fundo do vale.'[...]Hoje em dia, no lugar da taiga, dos terrenos lamacentos e dos buracos surge toda uma cidade, estradas foram abertas, vicejam os prados, os campos de centeio e as hortas, e já há quem se queixe da escassez de florestas. (TCHÉKHOV, 2007: p. 122)

Ainda sobre jornalismo literário, Lima (1993) põe que “De todas as formas de comunicação jornalística, a reportagem, especialmente em livro, é a que mais se apropria do fazer literário”.

Embora o produto do presente trabalho seja uma grande reportagem, vale frisar que o autor buscou beber da mesma água do livro-reportagem, gênero que será logo mais abordado. Entre a larga espessura de diferentes estilos de livros-reportagem, o autor buscou afinar a sua grande reportagem de acordo com produções realizadas pelo *New Journalism*, principalmente o proposto por Capote (2009).

5.3 Novo Jornalismo

Foi por meio do Novo Jornalismo que as técnicas do jornalismo literário, notadamente o fluxo narrativo e a expressão do real, se aperfeiçoaram. O Novo Jornalismo foi uma corrente surgida na imprensa dos EUA na década de 1960 e tem como nomes conhecidos os jornalistas Tom Wolfe, Gay Talese e Truman Capote.

Em *Fama e anonimato*, Talese (2004), como um autor do gênero, expõe seu pensamento em relação ao Novo Jornalismo.

Embora possa ser lido como ficção, não é ficção. É, ou deveria ser, tão verídico como a mais exata das reportagens, buscando, embora, uma verdade mais ampla que a possível através de meras compilações de fatos comprováveis, do uso de citações diretas e da adesão ao estilo rígido mais antigo. O Novo Jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem... (TALESE, 2004: p. 9)

Lima (1993) coloca que são quatro os recursos técnicos utilizados pelo Novo Jornalismo. Ele cita dois — o ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa e o registro fiel dos elementos do cotidiano — e deixa outros dois aspectos explicados pelo próprio Tom Wolfe, que são: a construção cena a cena de modo a não recorrer à narração puramente história; e a presença de diálogos completos.

Desses elementos, pode-se notar na presente grande reportagem mais o ponto de vista em terceira pessoa, registro do cotidiano e construção de cenas. Inspirou-se, sobretudo, no modelo de descrição exercido por Capote (2009) no início de *A sangue frio*.

A cidade de Holcomb fica nas planícies oeste do Kansas, lá onde cresce o trigo, uma área isolada que mesmo os demais habitantes do Kansas consideram distante. A uns 110 quilômetros da divisão entre o Kansas e o Colorado, a paisagem, com seu céu muito azul e o límpido ar do deserto, tem uma aparência que está mais para a do Velho Oeste do que para a do Meio-Oeste. O sotaque local traz farpas da pronúncia cortante da pradaria... (CAPOTE, 2009: p. 21)

O Novo Jornalismo, de acordo com Lima (1993) surge da divisão da redação de jornais entre os jornalistas de cobertura de pautas *quentes* e aqueles que eram dedicados à produção de matérias *frias*. Estes, no geral, já eram aspirantes a escritores e passaram a exercer aí o exercício do jornalismo literário.

Primeiro, por meio dos próprios jornais, como *New York Times* e *Herald Tribune*. Depois, passam a escrever em revistas como a *The New Yorker* e a *Esquire*. Por fim, deságuam na fruição do texto do livro-reportagem, estilo que o autor desta grande reportagem pretendeu dar o tom durante a elaboração.

5.4 Grande reportagem

Identifica-se, aqui, a grande reportagem de acordo com a conceituação de livro-reportagem proposta por Lima (1993), quando diz que este “desempenha um papel específico, de prestar informação ampliada sobre fatos, situações e ideias de relevância social, abarcando uma variedade temática expressiva” (Lima, 1993: 15).

Para traçar um panorama histórico do espaço da reportagem no jornalismo, Lima (1993) afirma que a forma pela qual a grande reportagem se expressa é através do jornalismo interpretativo, que busca destrinchar as causas e origens de um acontecimento ou fenômeno e suas perspectivas para o futuro. O texto interpretativo “almeja preencher os vazios informativos” (Beltrão *apud* Lima, 1993: 25). Cremilda Medina e Paulo Roberto Leandro, citados por Lima (1993) por desenvolverem pesquisa reconstitutiva da história da reportagem na década de 1970 na Universidade de São Paulo (USP), completam o sentido do jornalismo interpretativo, quando dizem:

As linhas do tempo e espaço se enriquecem: enquanto a notícia fixa o *aqui*, o *já*, o *acontecer*, a reportagem interpretativa determina um sentido desse *aqui* num circuito mais amplo, reconstitui o *já* no *antes* e no *depois*, deixa os limites de acontecer para um *estar acontecendo atemporal*, ou menos presente. (Medina e Leandro *apud* Lima, 1993: p. 25, grifos dos autores)

Esses conceitos apontados reafirmam o sentido da grande reportagem aqui apresentada, atrelando-se o histórico desenvolvimento urbano com as causas e origens da degradação ambiental do objeto da reportagem. Leva-se em conta, portanto, o tempo passado para fornecer maior compreensão do estágio atual, a relação de causa para as coisas estarem assim, e também são apresentados dados e depoimentos para que uma perspectiva de futuro seja traçada para o leitor.

O livro-reportagem, dessa maneira, ultrapassa o sentido informativo e orientativo do jornalismo cotidiano. O livro-reportagem também cumpre isso, mas procura cobrir outras lacunas por meio da ampliação do espectro da realidade. No caso de *O que viu o rio*, buscou-se estender a realidade temporal do rio, no sentido de identificá-lo no *antes* e *agora*, assim como também se buscou pincelar a história

e degradação do rio de acordo com sua extensão geográfica, ou seja, sua realidade espacial.

Outro ponto sobre o livro-reportagem, e relacionado à sua característica de registrar um tema a partir de ampla visão, este gênero tende a manter maior perenidade. A narrativa se torna mais atemporal, conforme acima citado. Sendo assim, outros elementos do jornalismo cotidiano, como a pauta, angulação, uso de fontes e abordagem também têm sua aplicação ampliada.

De acordo com Lima (1993), não estando mais o texto aprisionado somente à informação, é característico dos livros-reportagem um tratamento mais enriquecido, mais próximo da escrita artística que conduz o leitor a um ritmo narrativo mais solto em fluência. Outro recurso apropriado pelo livro-reportagem é a descrição. O livro-reportagem (e a grande reportagem produzida pelo autor deste trabalho) busca representar de maneira particularizada os ambientes, objetos e pessoas.

Há, ainda, um uso próprio da exposição dos fatos. Colocada por Lima (1993) como artifício que o autor busca para fazer com que o leitor comungue de sua visão. Outro recurso é a função de linguagem empregada pela grande reportagem ou livro-reportagem. Enquanto o jornalismo do dia-a-dia lida mais com a função de linguagem referencial, isto é, a que expressa uma mensagem de maneira objetiva, o livro realiza uma mescla entre funções. No caso do trabalho *O que viu o rio*, além das informações objetivas se emprega em alguns pontos a avaliação particular do autor. Desse modo, utiliza-se também a função de linguagem expressiva. Há, ainda, um relato para o grande público de um conhecimento acadêmico técnico, no caso dos níveis de poluição do rio Cachoeira. O relato se deu na tentativa de se apropriar de recursos didáticos. Sendo assim, existe também no texto a presença da função de linguagem metalinguística.

Lima (1993) completa as técnicas empregadas no livro-reportagem com o tipo de angulação em que o autor emprega para abordar o tema, e também discorre sobre o ponto de vista do foco narrativo. Na grande reportagem em questão, optou-se pelo uso da terceira pessoa, inclusive nos relatos de caminhos feitos somente pelo autor, como é o caso da introdução da reportagem.

5.5 Classificação

Lima (1993) faz um agrupamento dos livros-reportagens em uma proposta de classificação. Interessa ao presente trabalho os livros-reportagem classificados por ele como *Livro-reportagem-retrato*. O autor explica:

Exerce papel parecido em princípio, ao do livro-perfil. Mas, ao contrário deste, não focaliza uma figura humana, mas sim uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão. Visa elucidar, principalmente seus mecanismos de funcionamento, seus problemas, sua complexidade. É marcado, na maioria das vezes, pelo interesse em prestar um serviço educativo, explicativo. Por isso, trabalha a metalinguagem, na troca em miúdos de um campo específico do saber para o grande público não especializado. (LIMA, 1993: p. 46)

Lima (1993) toma o cuidado de advertir que a sua proposta de classificação não é final nem tampouco representa uma camisa-de-força para os escritos, sendo comum a mescla entre grupos da classificação. Na grande reportagem em questão, por exemplo, nota-se a presença também do subgênero classificado por Lima (1993) de *Livro-reportagem-viagem*, posto que a própria metodologia do trabalho se baseou na viagem do seu autor para uma região a fim de enquadrar diferentes aspectos da realidade que envolve o rio Cachoeira.

Em *O que viu o rio*, o autor buscou realizar um retrato regional. São abordados tanto os aspectos geográficos do lugar como também se pretende traçar um panorama das pessoas que se relacionaram com o objeto da reportagem no decorrer do tempo. Como o tema do rio Cachoeira passa também por sua atual degradação química e física, o autor teve que se debruçar sobre teóricos que estão além da alçada do jornalismo, mas pertencem a ramos de pesquisa do meio ambiente. Houve preocupação em lidar com a linguagem técnica, entendê-la, para daí passar para a reportagem na intenção de torná-la compreensível.

5.6 Demais referências teóricas

Para que fosse possível compreender os aspectos de degradação ambiental do rio Cachoeira foi de grande valia estudos realizados pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), que por curiosidade se localiza em frente ao leito do rio. Sobretudo estudos vinculados aos setores Núcleo de Bacias Hidrográficas e o Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente.

Os principais estudos consultados foram a dissertação de mestrado de Pinho (2001) e um artigo científico de Lucio *et al.* (2009). Nessa primeira pesquisa, Pinho (2001) recolhe água de diferentes pontos do rio, a fim de mapear os níveis de degradação em diferentes localidades, do ponto. Indicadores como quantidade de Oxigênio Dissolvido, condutividade das águas, presença de coliformes fecais são utilizados para aferir a qualidade das águas no decorrer de um ano. Pelos números apresentados na pesquisa, pode-se ver que o rio apresenta pioras significativas de níveis de poluição a partir do momento em que passa por Itabuna. Pinho (2001) chega a afirmar que:

Na análise de Oxigênio Dissolvido e Demanda Bioquímica de Oxigênio, segundo resolução Conama nº 20 o rio é Classe 2 de Itapé até o Matadouro (trecho P3-P4), muda para Classe 3 ao receitar os esgotos do Matadouro, Itabuna e Indústria Alimentícia Coograp (trecho P4-P5), que promove um significativo processo de degradação da qualidade hídrica. Persistindo as condições atuais, a tendência é um progressivo agravamento da poluição das águas do rio, em virtude do dinamismo da urbanização e industrialização na área. (PINHO, 2001: p. 85)

Ou seja, a pesquisadora afirma que, ao atravessar o município de Itabuna e receber dejetos industriais da região, aumenta-se o nível de degradação das águas. Pinho (2001) também traça o seguinte panorama:

As ações antrópicas estão degradando o Rio Cachoeira, não há preservação qualitativa do nosso curso d'água, vê-se como fundamental o investimento no tratamento das águas residuárias sem o que, alternativa alguma de gerenciamento poderá ser eficaz, principalmente em horizonte de médio e longo prazo. (PINHO, 2001: p. 85)

O outro estudo de impactos ambientais analisado, artigo intitulado *Hidroquímica do rio Cachoeira*, possui menor espaço de detalhamento e discussão. Porém, seus

autores, Lucio *et al.* (2009), também aplicam avaliação das águas de acordo com alguns dos indicadores usados por Pinho (2001). Os resultados indicam piora da média do indicador de Oxigênio Dissolvido, índice aferido em miligramas por litro e indicador de condições suportáveis para presença de vida aquática, por exemplo.

Do ponto de vista da história, o estudante-repórter encontrou respaldo teórico em Mônica Celestino, jornalista doutoranda em história pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) que em artigo chamado *Fronteiras entre jornalismo e história* (2009), diz:

A apropriação de elementos da narrativa jornalística pelo historiador e da narrativa histórica pelo jornalista, ao contrário do que supõe, pode proporcionar o enriquecimento de ambas, manifestado, por exemplo, pelo aprofundamento da cobertura da imprensa com contextualização histórica e pela simplificação do texto acadêmico em prol da difusão dos fatos históricos. (CELESTINO, 2009: p. 9)

Desse modo, o estudante teve como objetivo constituir uma narrativa de relato histórico de maneira que seja atrativa e desperte empatia do leitor.

6. Metodologia

O presente trabalho foi fruto de uma mudança de direção tomada pelo autor. Estudante da Universidade Federal de Viçosa (UFV) em mobilidade acadêmica na Universidade de Brasília (UnB), o estudante planejava fazer monografia como trabalho final. Inclusive durante boa parte da disciplina Pré-Projeto em Jornalismo, com a professora Dione Moura, o aluno executou tarefas de pesquisa para a monografia abortada.

O interesse em fazer uma peça de jornalismo literário ocorreu principalmente após o aluno-repórter ter frequentado as aulas da disciplina Jornalismo Literário, com o professor Paulo Paniago. O aluno tinha pouco conhecimento dessa área, e, a partir da leitura de perfis e livros-reportagem, surgiu a vontade de escrever uma grande reportagem.

O tema foi definido durante a greve das universidades federais em 2012, entre junho e agosto, ocasião em que o autor passou uma semana na casa da família na Bahia e foi captado pela situação degradante do rio Cachoeira. Primeiramente, foi pensada pelo autor a escrita de um perfil sobre o manancial. Após a primeira reunião com o orientador — que aconteceu no dia 31/10 —, este indicou, entretanto, que a proposta assemelhava-se mais a uma grande reportagem, ainda que com ritmo narrativo semelhante ao perfil.

Primeiro foram feitas sugestões de leituras essenciais, como *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, de Edvaldo Pereira Lima, *Um bom par de sapatos e um caderno de anotações: como fazer uma reportagem*, de Anton Tchékhov, e ainda *As aventuras de Huckleberry Finn*, de Mark Twain. Todos de grande valor para a execução do trabalho. O primeiro sobretudo pelo referencial teórico, enquanto o segundo livro funciona bem como preparativo para por o pé na apuração de rua. A obra de Mark Twain foi fonte inspiradora, posto que a história do romance se passa em aventuras ao redor do rio Mississippi.

O estudante, em primeiro momento, pensou em escrever a grande reportagem dividida em três partes. A primeira, dedicada a acontecimentos históricos importantes que aconteceram nas proximidades do rio. Na segunda parte pensou-se em abordar o rio atual, sua poluição e o argumento de fontes oficiais. E haveria uma terceira parte dedicada aos trabalhadores do rio.

Quanto à extensão geográfica do tema, foi dada atenção maior ao município de Itabuna, visto que o pouco tempo de apuração disponível permitiria a opção por uma cidade. Escolheu-se este local porque estudos apontam que em Itabuna há maior lançamento de esgotos e prejuízo para as águas. Além disso, a simbologia da cidade está ligada ao rio. Nos cartões postais, vendidos em lojas de *souvenirs* na rodoviária de Itabuna, há sempre a foto do Cachoeira. Além disso, personagens como lavadeiras e pescadores e a Ilha do Jegue fazem parte do imaginário popular.

No entanto, no decorrer do processo de produção o autor optou por trabalhar em duas partes de modo a criar elementos conflituosos entre tempo passado e presente. A *Parte 1* permaneceu como pensada de início, enquanto a

Parte 2 dedicou-se a contar o processo de desgaste físico e simbólico do rio Cachoeira, inclusive contado pelas vozes de pessoas que trabalhavam por meio de suas águas.

Além disso, foi feita uma estratégia de apuração, tendo em vista a barreira da distância entre Brasília e o objeto da grande reportagem, mais de mil quilômetros. Sendo assim, se estabeleceu que a coleta de material e entrevistas transcorreriam em dois momentos.

Nas primeiras duas semanas de novembro, o autor visitou a cidade que abriga uma das nascentes do rio Cachoeira, Itororó. Esteve também em contato principalmente com professores e teve acesso à bibliografia histórica e ambiental da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). A biblioteca da Universidade contém grande acervo de obras de história regional. O autor procurou ler e resumir tudo que mencionasse o rio Cachoeira.

Quanto às dificuldades impostas pela linguagem técnica de relatórios ambientais, o autor esteve em contato com os professores Francisco Carlos de Paula, Fábio Flores e Maria Luzia de Mello.

O autor também entrou em contato com autoridades políticas, mas teve dificuldade em conseguir contato nesse momento (primeiras duas semanas de novembro) devido ao esvaziamento da prefeitura municipal em face da derrota política na eleição para prefeitos. Aliás, esse contato com órgãos públicos em período de fim e início de gestão foi a maior barreira para que o autor pudesse dar espaço às fontes oficiais, só tendo conseguido no penúltimo dia da segunda etapa da apuração. A única fonte que pôde responder pelo poder público, o estudante-repórter entrevistou um engenheiro químico da empresa responsável pelo saneamento e tratamento do esgoto da cidade, a Empresa Municipal de Água e Saneamento (Emasa). A entrevista foi importante para que o procedimento de coleta, distribuição e tratamento de água fosse explicado ao autor do trabalho. No entanto, foi breve a entrevista, realizada enquanto a fonte estava na sala de espera do seu dentista.

Como resultado dessa primeira etapa, conseguiu-se de sólido a *Parte 1* da grande reportagem, ou seja, o resgate histórico do manancial. Isso com auxílio,

além de bibliografia, do professor do Marcelo Henrique Dias. O autor escreveu a *Parte 1* com estilo um pouco diferente da *Parte 2* da grande reportagem. Na abertura de cada capítulo, foi colocado um resumo de fatos em caixa alta, inspirado nos livros de história da região pesquisados pelo autor.

A segunda etapa da apuração aconteceu entre os dias 25/12 e 18/01. Nesse período, o autor buscou entrar com as autoridades políticas recém-empossadas. Uma entrevista foi feita com o prefeito Claudevane Leite (PRB) e também com o presidente da Empresa Municipal de Água e Saneamento (Emasa), Ricardo Campos. Na ocasião, ambos concederam entrevista coletiva em que o assunto principal era o estado do manancial e também a situação de dificuldade administrativa da empresa de saneamento. O aluno-repórter utilizou desse evento para ilustrar a preocupação geral, ainda que pontual, da cidade em relação ao manancial. Após a coletiva, pôde fazer perguntas direcionadas aos dois ocupantes de cargos públicos, principalmente ao chefe da Emasa.

O autor, também durante esse período, procurou pelos trabalhadores que sobreviviam do rio, principalmente os pescadores e lavadeiras antigos, e também entrou em contato com pessoas que testemunharam alguma enchente do Cachoeira.

Diante da dificuldade em conseguir encontrar pescadores, dado o atual nível de poluição e baixa de nível do rio, o autor valeu-se um pouco, de maneira alegórica, do que apresenta Tchêkhov (2007), diante da indicação de não economizar nas botas.

A meu ver, é melhor andar descalço do que metido em botas baratas. Imagine o meu sofrimento! Descer a toda hora do carro, sentar na terra úmida e tirar as botas para aliviar os calcanhar. Deveras confortável nesse frio de rachar! Tive que comprar *válénki*⁵ em Ichim... E com eles viajei, até apodrecerem de tanta umidade e lama. (TCHÉKHOV, 2007: p. 35)

Desse modo, o estudante-repórter foi até o bairro de Ferradas, distante do centro urbano da cidade, e perguntou para as pessoas do local se elas conheciam

⁵ Nota do tradutor da edição: Tradicionais botas de feltro.

algum antigo pescador ou lavadeira. Foi assim que o indicaram Perciliano Justino dos Santos, o Peixe, que concedeu entrevista por toda a tarde do dia 07/01. Ele estava acompanhado do filho, José Carlos, que também participou ajudando nas memórias do pai.

Antes do próprio Perciliano, outros dois moradores do bairro foram entrevistados, mas eles haviam pescado por pouco tempo. Não exerceram, de fato, o ofício.

Quanto às lavadeiras, nenhuma antiga foi encontrada, posto que essas trabalhadoras se retiraram do rio ainda em tempo anterior aos pescadores. As lavadeiras encontradas nos bairros mais afastados da cidade somente lavavam roupa para próprio uso.

O autor da grande reportagem conseguiu o depoimento da lavadeira por meio da fonte Victor Aziz, diretor de dois documentários que abordam a temática do rio Cachoeira, tendo usado em um deles o testemunho de Maria Moreira, antiga lavadeira. Como a lavadeira falecera meses antes, o trabalho expõe a declaração dela com os créditos do documentário feito por Aziz. A entrevista com Victor Aziz, em 14/01, assim como a feita com Peixe, transcorreu durante a tarde inteira em seu sítio. Nesse tipo de entrevista, foi possível estabelecer diálogo mais aprofundado, percebendo com maior riqueza os detalhes de expressões e esperando o momento certo para a fonte passar a confiar e relatar mais de sentimentos em relação ao rio. Com Peixe, como Perciliano prefere ser chamado, aconteceu que de início ele respondia de maneira lacônica. Com o passar do tempo ele passou a demonstrar com mais afinco que sofre por morar em frente ao rio poluído.

A entrevista com Victor Aziz em particular foi enriquecedora porque, além dele compartilhar das dificuldades e objetivos do autor, as palavras dele caíram bem à proposta de texto que eu vinha pensando. O fecho da grande reportagem surgiu após ele ter confessado que não tem esperança em militar diante de políticos, mas literalmente achar uma saída levando educação ambiental às escolas.

O tipo de entrevista longa e conversada também ocorreu com Jorge Carrilho, com o qual o autor conversou na manhã do dia 15/01, e Maria Luzia de Mello, em 16/01. Esta fonte foi indicada por Jorge Carrilho.

Desse modo, terminou a segunda e última fase da apuração na Bahia. Como balanço negativo toda a dificuldade de conseguir entrevistas em período de fim e início de ano, no qual os serviços públicos encerram expedientes e muitas pessoas viajam. O lado positivo foi o autor ter encontrado fontes que proporcionassem uma concatenação de ideias que o autor considerou sólida.

Ao retornar para Brasília dessa última etapa de apuração na Bahia, o autor passou a elaborar a *Parte 2* do trabalho, entregue parcialmente e revisada pelo orientador em 28/01. No próprio dia 28/01 o autor passou a corrigir o produto e dar início ao memorial do trabalho. Em 02/02 o autor entregou o trabalho finalizado e quase inteiramente corrigido novamente ao orientador. A última reunião de orientação aconteceu em 06/02, para revisar mais uma vez a grande reportagem bem como a memória da pesquisa.

7. Conclusões

Durante o percurso de produção da grande reportagem, não foram poucos os momentos de dúvidas quanto à angulação em que deveria conduzir o produto. Perguntas a respeito do enfoque específico ou amplo foram frequentes. O correr da produção mostrou que a segunda opção seria mais precisa para os fins buscados.

Toda realidade é multiangular e o mesmo objeto é visto de diferentes maneiras por pessoas de vários contextos. Essa mensagem foi uma das mais transmitidas ao autor durante sua graduação. No entanto, nada como esse trabalho para escancarar a dimensão desse princípio jornalístico.

Talvez um pouco desse choque seja decorrência do fato de o autor ter dividido seu cotidiano por mais de uma década com o rio de pedras pretas e nunca ter atentado o suficiente para o valor, não somente por ser um recurso hídrico, mas seu valor imaterial, simbólico, e, principalmente, histórico.

O autor acredita ter contribuído para essa percepção tanto sua formação na Universidade Federal de Viçosa (UFV) quanto na Universidade de Brasília (UnB). Esta última, diga-se, apresentou ao autor o estilo de texto que ele considerou ser o mais adequado para o texto da presente grande reportagem.

A partir disso, o presente trabalho buscou se firmar como instrumento informativo, mas também didático e histórico até onde se pode ser, dado a limitação do autor não pertencer a estas áreas. Mas a função do trabalho estabelecida pelo aluno-repórter foi a de preencher vazios que afastam os moradores de ícones locais. E nesse caso, reconhece o autor ser de extrema importância, visto que a ameaça ao rio é uma ameaça também à qualidade de vida dos próprios municípios banhados por ele.

A proposta do trabalho foi demonstrar o rio Cachoeira, um pequeno representante da hidrografia brasileira, em suas questões ambientais, significado histórico e papel simbólico para as populações do passado e atual. Isso por meio de uma grande reportagem com narrativa próxima ao jornalismo literário.

Para desenvolver a proposta acima, o objetivo geral da grande reportagem, procurou-se buscar cada um desses itens em separado. No entanto, o processo de apuração fez o autor notar que há forte ligação entre os aspectos, o que proporcionou à grande reportagem uma linha de condução que o autor considerou satisfatória, em que cada início de capítulo é puxado pelo final do anterior. Algo inspirado no fluxo de *A mulher do próximo*, de Gay Talese.

O aspecto histórico foi abordado desde o aparecimento de colonizadores que chegaram para administrar a Capitania de São Jorge dos Ilhéus. A história do rio é anterior a isso e gostaria o autor de ter relatado a respeito da ligação entre os indígenas da região, a tribo tupiniquim, e o rio Cachoeira. No entanto, o professor e pesquisador da UESC, Marcelo Henrique Dias, contou serem recentes as pesquisas que envolvem o cenário do Cachoeira, sabendo-se somente que ali continha pau-brasil, e os indígenas cederam parte deles em troca de objetos metálicos. Dada essa limitação, passou o autor a trabalhar a partir do ponto onde há registro.

Encontrou respostas para esse aspecto a partir de conversa informação e pesquisa do professor Marcelo Henrique Dias e em livros como *Crônica da*

Capitania de São Jorge dos Ilhéus, de João da Silva Campos (1947), *Memória sobre o município de Ilhéus*, de Francisco Borges (1915), *Viagem pelo Brasil*, de Spix e Martius (1820), *Itabuna, minha terra*, de Adelindo Kfoury (1960), além de monografias e diários oficiais do município de Itabuna.

O autor do trabalho buscou, na produção dessa narrativa de séculos passados, reconstruir os acontecimentos de maneira mais detalhada possível, de modo que fosse possível “gerar a empatia” proposta por Celestino (2009), quando fala a respeito da junção entre jornalismo, literatura e história. Entretanto, em alguns casos mais antigos, e também nas narrativas que tratam de personagens secundários, não foi possível encontrar descrição mais aprofundada nos livros e documentos históricos.

Mesmo assim, a partir dessas leituras citadas acima, o autor pôde vislumbrar o papel econômico, principalmente com a cacauicultura, e o papel simbólico, com as enchentes, trabalhadores, Ilha do Jegue, enfim, os símbolos que permeiam o imaginário histórico da região.

Como testemunha ocular da maior enchente que se tem notícia do Cachoeira, em 1967, o autor do trabalho entrevistou o engenheiro Jorge Carrilho, de 87 anos, que ajudou a combater as consequências da cheia daquele ano e contou ao aluno-repórter sobre suas lembranças em relação à cidade e ao rio Cachoeira.

Os trabalhadores do rio foram representados no trabalho pelo antigo pescador Perciliano Justino dos Santos, o Peixe, e a lavadeira Maria Moreira.

Quanto aos impactos ambientais que o manancial vem passando, foram consultados dados de nível de poluição da pesquisadora da UESC Acácia Pinho e foram aconteceram conversas com a geógrafa Maria Luzia de Mello e com o coordenador do mestrado de meio ambiente também da universidade citada, Salvador Trevizan. Para responder pela situação administrativa da cidade a grande reportagem dá espaço ao novo prefeito de Itabuna, Claudevane Leite, e ao novo presidente da empresa de saneamento e tratamento de esgotos, Ricardo Campos.

O desfecho da grande reportagem passou a ser pensado após conversa com um diretor de dois documentários que abordam o rio Cachoeira, Victor Aziz. Este a representar um discurso esperançoso único, das poucas novas perspectivas que a

apuração da grande reportagem encontrou, quando contou que destina todo seu esforço em criar filmes sobre o rio para o esclarecimento de jovens e crianças em idade escolar. Este ponto de concordância entre o autor e esta fonte, Victor Aziz, deu tom ao fecho do texto.

Esses foram os principais aspectos expostos na grande reportagem em que se buscou também ceder tom literário sempre que o autor considerou cabível.

Sendo assim, o autor considera que a resposta ao problema do trabalho, “De que maneira transpor para uma grande reportagem os aspectos históricos, econômicos, ambientais e simbólicos do rio Cachoeira?”, reside na busca por dar coesão e continuidade à narrativa, que por sua vez só se torna jornalisticamente factível por meio de uma apuração sistêmica.

O enfoque multiangular proposto pela reportagem dependeu disso, da perspectiva de não limitar-se a contar um ponto de vista sobre o rio, mas abarcá-lo em suas variantes extensas.

A partir disso provém o maior aprendizado que a feitura da grande reportagem proporcionou. Apesar ter sido difícil encontrar, para a *Parte 1* do trabalho, detalhes de personagens e cenários, e, na *Parte 2*, o autor ter se debatido e não encontrado alguns personagens para compor o texto, como a antiga lavadeira e algum outro aspecto simbólico, havia sempre algo importante a ser dito, a ocupar aquele espaço, diante da vastidão que representa o personagem maior em sua dimensão cultural, o Cachoeira. De certa forma, o rio se deixou conduzir.

O autor considera que o resultado do trabalho é positivo e proveitoso. Pensa também que o objetivo geral e grande parte dos específicos foram atingidos. Quanto aos objetivos específicos que dependem do correr temporal, como a função memorial que visa esse trabalho exercer, espera o aluno-repórter que possa vingar. Espera-se, para finalizar, que este trabalho ajude a transformar o aparente fim do Cachoeira em um novo começo.

8. Bibliografia

8.1 Livros, capítulos de livros, dissertações, monografias, artigos e jornais (material físico).

BARBOSA, Carlos Roberto Arléo. **Notícia Histórica de Ilhéus**. 3ª ed. Itabuna, 1994.

BARROS, Francisco Borges de. **Memória sobre o Município de Ilhéus**. *Ilhéus*: Editora Editus, 3ªed., 2004.

CAMPOS, João da Silva. **Crônica da capitania de Ilhéus**. 3ª ed. Ilhéus: Editus, 2006.

CAPOTE, T. **A sangue frio**: relato verdadeiro de um homicídio duplo e suas conseqüências. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COTTA, Pery. **Jornalismo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Rubio, 2005.

Jornal Agora. Ed. Comemorativa de Aniversário, 28 de julho de 1996.

Instituto Interamericano de Cooperação para Agricultura. **CEPLAC/Cacau, 25 anos**. Desenvolvimento e Participação. Brasília, IICA, 1982.

LIMA, Edvaldo P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

LUCIO, Maria Zita Tabosa Pinheiro de Queiroz Lima; SANTOS, Simone Setúbal dos; e SILVA, Daniela Mariano Lopes da. **Hydrochemistry of Cachoeira River (Bahia State, Brazil)**. Acta Limnol. Bras. 2012, vol.24, n.2.

MATTOS, Cyro de. **Vinte Poemas do Rio**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1985.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos Imigrantes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

PANIAGO, Paulo Roberto Assis. **Um retrato interior**: O gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade. Tese de doutorado – Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2008.

PINHO, A.G. **Estudo da Qualidade das Águas do Rio Cachoeira, Sul da Bahia, 2001**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus – BA, 2001, 91 p.

ROCHA FILHO, C. A. **Recursos Hídricos**. Rio de Janeiro: Convênio II RA/Ceplac, 1976.

SANTOS, Joelma Reis. **A enchente de 1967 e seus reflexos sobre o desenvolvimento de Itabuna**. 2001. 40 f. Monografia. Universidade Estadual de Santa Cruz, 2001.

SILVEIRA, Adelindo Kfoury. **Itabuna, minha terra**. Itabuna: Gráfica Santa Helena, 2002.

SPIX, Johann Baptiste von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Spix e Martius. Vol. 1-3. Trad. Lúcia Furquim Lahmeyer. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

TALESE, Gay. **A mulher do próximo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

TCHÉKHOV, Anton Pávlovitch. **Um bom par de sapatos e um caderno de anotações**: como fazer uma reportagem. São Paulo: Martins, 2007.

8.2 Material extraído da internet

CELESTINO, Monica. Fronteiras entre jornalismo e história: por uma reflexão sobre as relações entre dois campos em evolução. In: **VII Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo**. São Paulo (SP): USP, 2009. Disponível em http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/m%C3%B4nica_celestino.pdf, acessado em 30/01/2013.

CORRÊA, Lucelinda Schramm. Memórias das Colônias Alemãs na Bahia do Século XIX. In: **XXIV Simpósio Nacional de História. História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos**, 2007, São Leopoldo/RS. Anais - XXIV Simpósio Nacional de História. História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos.. São Leopoldo: Unisinos: Associação Nacional de História - ANPUH, 2007. Disponível em <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0052.pdf>

DIAS, Marcelo Henrique. A floresta mercantil: exploração madeireira na capitania de Ilhéus no século XVIII. In: **Revista Brasileira de História**, v. 30, p. 193-214, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v30n59/v30n59a10.pdf>

PENA, Felipe. **O Jornalismo Literário como gênero e conceito**. Disponível em: <http://felipepena.com/download/jorlit.pdf> Acessado em 29/01/2013.

RAMOS, Cristiano. **Literatura e Jornalismo**: bases teóricas para análise do livro-reportagem. 2010. 131 f. Dissertação de mestrado em Teoria Literária – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em <http://www.pgletras.com.br/2010/dissertacoes/diss-Cristiano-Ramos.pdf> , acessado em 29/01/2013.

SOUZA, Telma Mirian Moreira de. **Entre a cruz e o trabalho**: exploração da mão-de-obra indígena no sul da Bahia (1845-1875). 2007. Dissertação de mestrado em História. Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2007.

9. Filmografia

ARMADILHA. Direção de Victor Aziz e produção de Cristiane Santana. Ilhéus. Duração: 40 minutos. 2009.

MEMÓRIAS do rio Cachoeira. Direção de Victor Aziz. Itabuna. 60 minutos. 2011.